

MUDANÇA DE HÁBITO

Lindberg Aziz Cury

Não é verdade que o trânsito de Brasília esteja insuportável. Na maior parte do dia, pode-se trafegar sem maiores transtornos pelas principais ruas e avenidas do Plano Piloto e das cidades-satélites. É verdade, porém, que em determinados horários o trânsito nessas vias é tão caótico quanto em São Paulo ou Rio de Janeiro.

São inúmeras as razões para essa queda de qualidade: a cidade cresceu, o preço dos automóveis baixou, o combustível é barato e teremos a maior renda per capita do país. Hoje, segundo dados do Detran, a frota do DF cresce 0,65% ao mês. Nos primeiros quatro meses deste ano, mais 3.110 veículos "zero quilômetro" passaram a circular pelas ruas da cidade. Em maio a frota chegou a 661 mil veículos. Considerando que a população está em torno de 1 milhão 800 mil habitantes, temos em média um veículo para cada 3,6 habitantes.

O problema é que mais da metade de toda a frota circula nos mesmos horários pelas nove principais vias de acesso ao Plano Piloto. Só na Estrada Parque Setor de Indústria e Abastecimento (Epia), diariamente 80 mil veículos vão e retornam do Plano Piloto no mesmo horário.

Nos países desenvolvidos, a população habituou-se a usar transportes coletivos, como ônibus ou metrô. Além de mais baratos, são

confortáveis e funcionam. Os veículos de passeio também são usados de forma coletiva. Amigos, vizinhos ou colegas de trabalho se revezam em tarefas rotineiras, como levar os filhos à escola, fazer compras no supermercado ou ir ao teatro.

No Brasil, ainda não aprendemos a compartilhar o automóvel. Símbolo de status social, o automóvel é usado individualmente pela maioria da população motorizada. Em Brasília, por exemplo, vizinhos que são colegas de trabalho saem de casa no mesmo horário para o mesmo destino, mas cada um em seu próprio carro.

O transporte solitário, ao contrário do solidário, cada vez mais contribui para piorar o trânsito da cidade. É o caso da Esplanada dos Ministérios, que desemboca na Praça dos Três Poderes. Só no Congresso Nacional trabalham cerca de 12 mil pessoas, ou seja, 10% da lotação do Maracanã. Pelo menos 50% desses servidores têm condução própria. São, portanto, 6 mil veículos que diariamente cruzam a Esplanada rumo ao Congresso, disputando as pistas com milhares de outros automóveis de funcionários dos ministérios. O quadro se repete em outras vias, como a W3, a L2, o Eixão e os Eixinhos.

No caso do comércio, a maioria das lojas abre às 8h e fecha às 18h. É difícil, porém, ver gente comprando antes das 9. Pior: ao fechar às 18h, o comércio perde a oportunidade de vender para o servidor público, pois é nessa hora que ele

está deixando a repartição. Vantagem para os shoppings, que sabiamente abrem depois das 9 e não fecham antes das 20 horas.

Disso tudo é possível concluir que o horário de funcionamento das atividades comerciais, industriais e de serviços tem uma grande parcela de responsabilidade sobre o caos que está tomando conta do trânsito da cidade. Diante dessa situação, nós, da Associação Comercial do Distrito Federal (ACDF), passamos a estudar alternativas não apenas para melhorar as vendas no comércio, mas principalmente para resgatar e preservar a qualidade de vida de Brasília.

Nossa proposta é estabelecer horários diferentes para o funcionamento das diversas atividades, a começar pelo comércio. Mas é óbvio que não basta alternar o horário das lojas. É preciso reescalonar também outros setores que igualmente podem funcionar em períodos diferentes, mudando o velho hábito de todos saírem ou voltarem para casa na mesma hora. Isso significa rever o horário das repartições, dos bancos, das escolas, dos escritórios. Uma hora a mais uma hora a menos pode resultar bem mais do que economia de tempo e dinheiro. Podemos ter vias descongestionadas, motoristas menos estressados e milhares de vidas preservadas.

■ Presidente da Associação Comercial do DF

SUBMETER A PROPOSTA A DEBATE

Geralda Godinho de Sales

A idéia de reescalonamento do horário do comércio, com a finalidade de solucionar o problema do congestionamento do tráfego no DF, precisa ser submetida a amplo debate da sociedade. Os dirigentes da Associação Comercial do DF querem mudar o horário do comércio para funcionar de 9 às 19 horas.

Precisamos levar em conta, primeiramente, que tal mudança teria reflexos diretos em outros setores, como os de serviços, bancos, serviço público, transporte e segurança e que estes segmentos devem ampliar tal discussão.

No comércio, como se sabe, os estabelecimentos trabalham em horários diferenciados, conforme a demanda e as características de cada um. Os shoppings funcionam de 9 às 22 horas, nas entrequadradas de 8 às 19 horas e nas satélites o horário de fechamento é flexível, pois os estabelecimentos são administrados muitas vezes em regime familiar.

Na nossa opinião, a mudança de horário do comércio, que obviamente não seria a proposta que está apresentada, só deveria ser implantada desde que não provocasse mais desemprego, viesse acompanhada de medidas visando a con-

templar a mãe comerciária com auxílio-creche e não representasse um obstáculo ao comerciante que estuda e almeja crescimento profissional. Além do que, devemos es-

habitar, hoje conta com quase 2 milhões e ninguém quis encarar essa realidade de frente.

Propomos, então, que para ajeitar a casa poderíamos começar pe-

la melhoria na qualidade dos transportes públicos, pois é vergonhoso e constrangedor que, numa cidade onde os transportes coletivos são os mais caros do país, ainda predomine uma frota sucateada. É inconcebível, também, que em plena capital predomine a reserva de mercado absurda na área dos transportes coletivos, numa demonstração de falta de vontade política dos governos e arrogância da classe empresarial.

Temos que acabar imediatamente com o monopólio nos transportes coletivos do DF.

Vamos ver se, com a mudança desse quadro e a implantação do metrô, ligando os quatro cantos da cidade com um transporte decente e seguro, teremos um grande desafogo nos congestionamentos, com o cidadão usando seu veículo apenas nos finais de semana para passear com a família.

■ Presidenta do Sindicato dos Comerciantes do Distrito Federal

